

Fábio Tozi

As concertinas na cidade

sobre hospitalidade e hostilidade em Belo Horizonte

Resumo

O texto busca uma reflexão sobre a expansão das cercas do tipo concertina em Belo Horizonte (MG). Inicialmente, reconstitui-se a origem do nome e do próprio objeto, primeiramente criado para os campos de batalha e posteriormente adotado como elemento de segurança nas cidades. Procura-se, em seguida, compreender o uso de concertinas dentro do debate acerca das estratégias e do mercado de segurança, bem como o papel regulador do ente municipal. O texto apoia-se em um conjunto de imagens que ilustram a estética militarizada da paisagem belo-horizontina.

Concertina

Militarização do espaço

Violência urbana

Ofendículos

Segurança patrimonial

Belo Horizonte

Abstract

The text aims to reflect on the expansion of concertina fences in Belo Horizonte (MG). First, we seek to understand the origins of the object's name and history, initially designed for battlefield uses, and posteriorly adopted as a security element in cities. Secondly, we seek to understand the concertinas as a cheap strategy in the security market, as well as the regulatory role of the municipality. The text is based on a set of images that illustrate the militarized aesthetics of the Belo Horizonte landscape.

Concertina

Urban militarization

Urban violence

Property security

Belo Horizonte

O caminhar pela cidade, no cotidiano e nos percursos e lugares de pesquisa, leva-nos a observar a complexidade da paisagem urbana, destacando elementos que não eram o objeto de interesse inicial. É um fato recente que a cidade de Belo Horizonte tenha se tornado um objeto de estudos para mim. A cidade que já nasceu antidemocrática – recuperando a expressão que Paviani (2003) cunhou para explicar Brasília – traz as marcas do planejamento modernista e das influências estrangeiras, como a haussmanniana, deixando como legado uma espécie nativa de **Belo Horizonte intramuros**, bem delimitada pela Avenida do Contorno, corolário geográfico da fragmentada estrutura social.

As concertinas estão entre esses objetos que atraem a atenção. De instalação simples, multiplicam-se nas fachadas de casas, edifícios, comércios, muros e afins, por toda a cidade de Belo Horizonte e sua Região Metropolitana. Visíveis 24h/24h, seus espinhos afiados em metal brilhante não permitem esquecer a sua periculosidade potencialmente mortal. Além de sua aparência terrível, talvez a sua simplicidade seja um fator que favoreça a sua escolha, poupando aqueles que a compram das manutenções e falhas dos mecanismos *high-tech* de segurança, que podem ser mais discretos, mas são menos confiáveis em um país onde os apagões de eletricidade, telecomunicações e

informática são corriqueiros.

Há uma sequência de transposições históricas para compreendermos a presença dessas cercas na Belo Horizonte atual. Concertina nomeia um instrumento musical, um tipo de acordeom. A *konzertina* era comum na Alemanha do século XIX, tendo uma versão aprimorada patenteada na Inglaterra por Charles Wheatstone, em 1844¹. O nome deriva de *concerto*, ou seja, a harmonia acordada entre vozes e instrumentos, acrescido do sufixo italiano *ina*, que indica um diminutivo. Muito provavelmente a concertina, instrumento musical, por seu movimento sanfonado, tenha inspirado o nome dado à cerca de arame cortante inventada por Horst Dannert e Walter Boerkey em 1934 e que viria a substituir as cercas de arame farpado nos *fronts* da Segunda Guerra Mundial, como mostram os manuais militares da época (Figura 1²).

1 **The Oxford Companion to Music**. Edited by Alison Latham. Oxford University Press, 2011.

2 “A adição da terceira concertina (acima) torna a cerca muito mais difícil de atravessar, dando-lhe uma aparência mais temível e aumentando, assim, seu efeito moral. No original: “The addition of the third (top) concertina makes the fence much more difficult to cross, while giving it a more formidable appearance and thereby increasing its moral effect” (GREAT BRITAIN, 1939, p. 3). Tradução nossa.

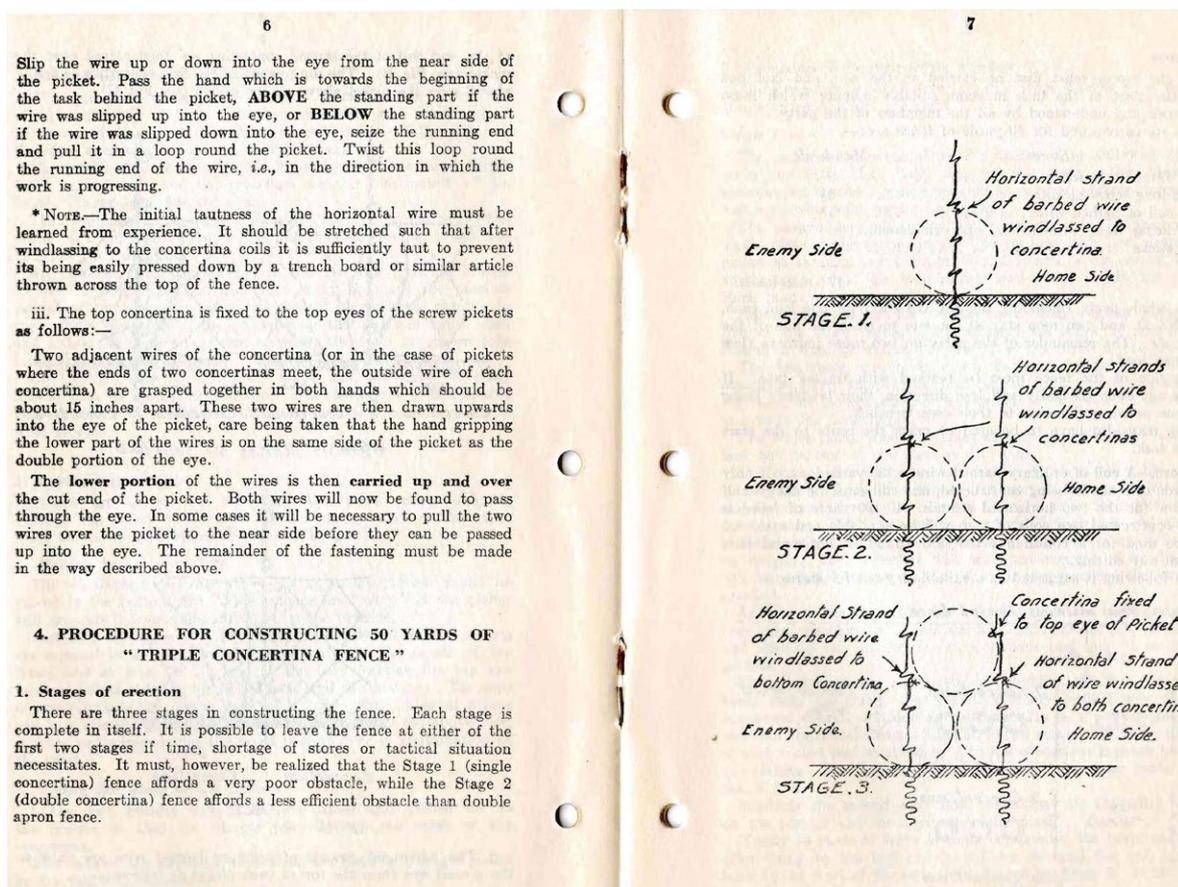


Figura 1: Manual militar para a confecção de uma concertina tripla (1939)



Figura 2:
Detalhe de
*Territorio
libre*, de Luis
Camnitzer
(2018)

Tecnologia inovadora, a *Concertina Dannert* foi objeto da patente nº DE599829, de 31/10/1934, que descrevia a invenção como um “rolo de arame de aço em forma de bobina para barreiras militares e cordões policiais”³. Além disso, cada bobina, mais leve que aquela de arames farpados, era transportada comprimida e podia ser facilmente estirada sem a necessidade de anteparos verticais – por ser autoportante –, além de sua elevada resistência ao corte graças ao uso de aço temperado de alta qualidade. Hoje, concertina nomeia tanto o instrumento musical quanto a cerca mortífera que se expande pelas cidades brasileiras, como Belo Horizonte.

Um segundo processo de transposição das concertinas diz respeito à passagem das estratégias militares dos campos de batalha às edificações citadinas, criando paisagens urbanas com ares militarizados em sociedades que não estão declaradamente em guerra. Os engenheiros que desenharam a concertina dedicaram seus conhecimentos técnicos em cálculos para que ela rasgasse o corpo do inimigo da forma mais eficaz: o melhor ângulo, o material mais adequado, a quantidade e orientação das lâminas pontiagudas, o encaixe espiralado. Não pensavam apenas na proteção de uns contra outros, em dissuadir a aproximação, mas também em uns ferindo os outros. Em algum momento, entre a invenção e o presente, talvez com o fim do valioso mercado da guerra, empreendedores encontram nas cidades um novo mercado voltado à “segurança patrimonial”, mescla entre atividades pú-

3 EPO (European Patent Office). **DE599829C: Drahtwalze aus Stahldraht in Schraubenform fuer militaerische Hindernisse und polizeiliche Absperrungen**. Disponível em: <https://worldwide.espacenet.com/patent/search/family/007058927/publication/DE599829C?q=pn%3DDE599829C>. Acesso em: 10/12/2019. Tradução nossa.

blicas e privadas, legais e ilegais, parte de uma nova “economia política securitária”, como define Graham (2015, p. 53).

Contudo, uma vez que o inimigo, na cidade, é menos identificável que na guerra, tais cercas ganham a função de “arquiteturas anti-indesejáveis”, na definição de Melgaço (2011, p. 120), conduzindo a violências cotidianas amparadas em simbióticos processos de criminalização e vitimização, como destaca Batista (2015). Em uma leitura artística deste processo, Luis Camnitzer, em sua obra *Territorio libre* (Figura 2⁴), instala concertinas ao redor de uma área iluminada na qual se inscreve o nome da obra. A leitura do artista nos leva a refletir sobre liberdade e prisão, confinamento e des-

locamento, proximidade e distância, luz e sombras, como elementos estéticos em tensão, mesmo imóveis.

Uma vez criado o mercado, cria-se também seu manual estatal de utilização. O Código de Posturas do Município de Belo Horizonte (Lei nº 8.616, de 14/07/2003 e suas atualizações⁵), em seu Artigo 199, informa que para a instalação “de cerca elétrica ou de qualquer dispositivo de segurança que apresente risco de danos a terceiros” exige-se: i) que ele esteja a, no mínimo, 2,50 m acima do piso circundante; ii) a projeção ortogonal do dispositivo esteja contida nos limites do terreno; iii) sejam feitas a apresentação de Responsável Técnico e a de comprovação de contratação de seguro de responsabilidade civil. Alguma disciplina se desenha, uma vez que o princípio jurídico da inviolabilidade do domicílio não pode ser absoluto e o uso de “ofendículos” (termo jurídico dado aos meios mecânicos de defesa da propriedade) pode ser abusivo.

Entretanto, as normas disciplinadoras desse objeto desenhado para a guerra nem sempre são seguidas na cidade, acompanhando, ainda, a multiplicação de agentes privados especializados na sua instalação (como mostra uma rápida pesquisa na Internet) que oferecem uma gama vasta de concertinas: simples, dupla clipada, *flat*, rede laminada, eletrificada. São vendidas por metro linear. Aqueles que desejem economizar podem partir para a *bricolagem* e comprá-las em *marketplaces* digitais, com entrega garantida em todo o país, ou diretamente das fábricas. Nesses

4 Fonte: Centro de Exposiciones SUBTE, Montevideo. Disponível em: <https://www.facebook.com/Centrosubte/photos/a.2191778944384771/2214116242151041/?type=1&theater>. Acesso em: 17/12/2019.

5 Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-legislacao/lei/8616/2003>. Acesso em 10/12/2019.

casos, é possível encontrar preços a partir de R\$ 55 por 10 metros de concertina, sem frete ou instalação.

Na imagem a seguir (Figura 3⁶), temos um conjunto de fotografias registradas em bairros de classe média e média alta da região Centro-Sul da cidade (como Lourdes, Funcionários, Savassi, Santo Agostinho, São Pedro, Santo Antônio, entre outros). As fotografias buscam captar as diversas formas estéticas de militarização do espaço urbano, que, a despeito de realizar-se a partir do desejo dos proprietários individuais – a autosegregação na cidade do medo, a “fobópole”, como nomeou Souza (2008) –, ganha um caráter sistemático ao reproduzir-se. Não se trata, todavia, de uma política pública de militarização, como analisa Graham (2009) ao discutir o “novo urbanismo militarizado”, embora, acreditamos, revele algumas de suas nuances mais sutis, além de contar com o apoio estatal para realizar-se.

As concertinas também expõem o fracasso do projeto da cidade de ideais republicanos, se entendermos que a paisagem é, materialmente, o que a sociedade é em seu espírito. Ainda que continue sendo corriqueiro Belo Horizonte ser apresentada como “Cidade Jardim”, as grades, cercas, muros e câmeras de vigilância chamam mais atenção do que os jardins e árvores, que ainda persistem, todavia.

⁶ As imagens são apresentadas sem data e sem localização precisas de maneira proposital. As fotografias são de autoria própria e foram realizadas entre 2016 e 2019, na região Centro-Sul de Belo Horizonte.

A explosão do número de concertinas pela cidade e sua normalização na vida cotidiana fazem pensar, finalmente, nos limites concretos da ideia de “hospitalidade mineira”, essa noção generalista do acolhimento ao Outro que se tornou um elemento identificador da cidade e do estado, além de palavra-chave da atração turística e do marketing territorial. As paisagens revestidas de concertina irrompem com a continuidade desta imagem, pois, como notou Caldeira (2000), o cercamento contínuo revela uma forma sintética e marcante do caráter disjuntivo da democracia brasileira (Figura 4).

Caberia refletir, com o devido tempo e empenho, se a “hospitalidade mineira” poderia ser compreendida como uma transcrição regional do “homem cordial” brasileiro, de Sérgio Buarque de Holanda (1995 [1936]). Se a hospitalidade encontra na hostilidade seu oposto complementar, nas paisagens adornadas com concertinas reluzentes, a diferença entre prevenção e repressão, proteção e repulsa, hospitalidade e hostilidade não passa de um falho disfarce.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Vera Malaguti. Estado de polícia. In: KUCINSKI, Bernardo [et al.]. **Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2015.

Figura 3:
Concertinas
mineiras
(2016-2019)



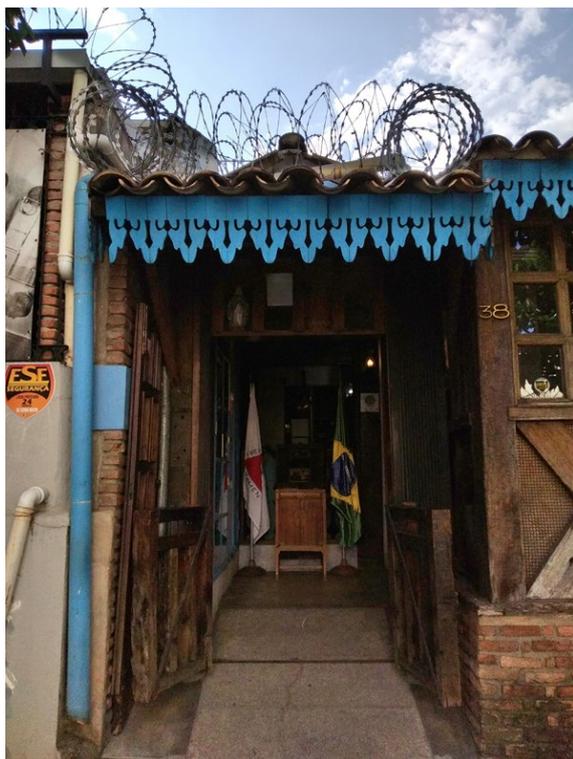


Figura 4:
Hospitalidade
e hostilidade?
(Região
Centro-Sul
de Belo
Horizonte,
2019)

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

GRAHAM, Stephen. O bumerangue de Foucault: o novo urbanismo militar. In: KUCINSKI, Bernardo [et al.]. **Bala perdida:** a violência policial no

Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2015.

GRAHAM, Stephen. Cities as Battlespace: The New Military Urbanism. **City**. Vol. 13, nº 4, Dec. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233017903_Cities_as_Battlespace_The_New_Military_Urbanism. Acesso em 13/08/2015.

GREAT BRITAIN (War Office). Dannert Concertina Wire Obstacles. **Military training pamphlet**, nº. 21. Prepared under the direction of The Chief of the Imperial General Staff. Reprinted in Canada by permission of the Controller His Majesty's Stationery Office, July, 1939. Disponível em: <http://wartimecanada.ca/sites/default/files/documents/Dannert%20Concertina%20Wire%2021.pdf>. Acesso em 15/12/2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1936].

MELGAÇO, Lucas. **Securização Urbana:** da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: Universidade de São Paulo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, 2011.

PAVIANI, Aldo. Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano VII, nº 11, 12 e 13, set./out., 2003

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole:** o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. ■

Fábio Tozi é professor adjunto no Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, UFMG. Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Aperfeiçoamento em Doutorado em Geografia (Estágio Doutoral - PDEE/CAPES) na École des Hautes Études

en Sciences Sociales (EHESS) de Paris e Pós-Doutorado junto ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Programa de Pós-Doutorado Junior/CNPq, 2014-2016). Professor visitante na Universidad Nacional de Rosario (UNR - Argentina), Programa AUGM. fabio.tozi@gmail.com